

O homem que lia as pessoas

João Anzanello Carrascoza

Ilustrações Nelson Cruz

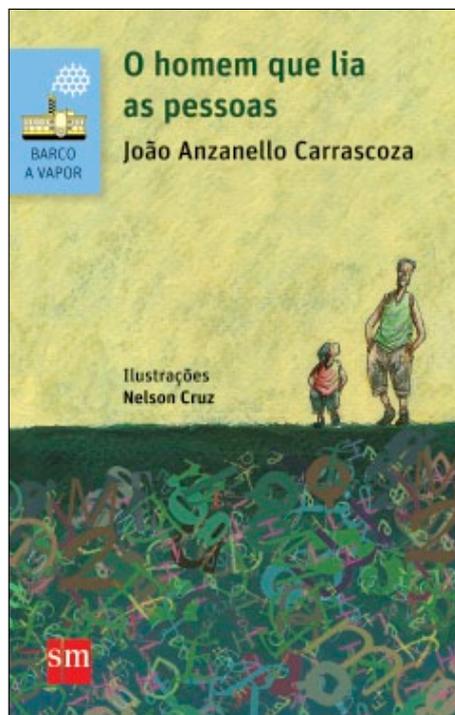
Nível leitor A partir de 10 anos

Anos escolares 5º e 6º

Temas Relação pai-filho / Aprendizagens / Perdas / Leitura e escrita



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição
Série Azul
104 páginas

O LIVRO “Contar histórias é um jeito de se trazer para as pessoas.” Essa é a última frase do livro, **relato autobiográfico** de um menino de 9 anos sobre sua relação com o pai, falecido dois anos antes. Apesar de tratar de um assunto difícil, como a morte de alguém tão especial, a narrativa é leve e bem-humorada. O fato de abordar o tema da perda de maneira tão delicada e profunda já basta para atribuir a este livro um lugar de destaque nas estantes das salas de aula e de casa. É uma obra rara por retratar poeticamente o cotidiano das relações familiares, sobretudo a **relação entre pai e filho**, além de mostrar um modo singular de reagir à **perda** de um ente querido: contar sua história.

É este, na verdade, o grande tema do livro: a importância de contar-se – função primordial da escrita e da leitura –, a descoberta e a criação, assegurando a continuidade da existência humana, garantindo a manutenção de valores, de amores, de crenças etc.

O AUTOR Reconhecido autor de contos, João Anzanello Carrascoza nasceu em 1962, em Cravinhos, interior de São Paulo. Venceu alguns dos mais importantes concursos literários do Brasil e recebeu o prêmio internacional Guimarães Rosa – Radio France Internationale. Publicou livros de contos (*Hotel solidão* e *O vaso azul*), romances juvenis (*A Lua do futuro* e *O jogo secreto dos alquimistas*) e histórias infantis. Além de escritor, é publicitário e professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

O ILUSTRADOR Nelson Cruz nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. É autor, ilustrador e artista plástico autodidata. Recebeu prêmios nacionais e estrangeiros. Em 2002 foi indicado ao prêmio Hans Christian Andersen de ilustração.

Mergulhando na temática

RELATO AUTOBIOGRÁFICO: UM EU QUE SE CONTA

O homem que lia as pessoas é um relato autobiográfico. Esse tipo de texto, em que autor e narrador parecem ser a mesma pessoa, cria certa cumplicidade com o leitor, pois os fatos que nele se contam parecem pertencer à vida real de um único sujeito. Há perspectivas teóricas que distinguem o conto ficcional da autobiografia em agrupamentos de gêneros diferentes: o conto pertenceria ao gênero das narrativas e a autobiografia ao dos relatos. Acreditamos, porém, que as relações entre ficção e realidade são mais complexas do que as determinadas por tal distinção.

O importante é estabelecer algumas características presentes numa história assim: considerar a narração real e não fictícia, carregando a intenção de ser verossímil; possuir a presença de um eu narrador, alguém que conta a própria história, revelando a intencionalidade deliberada de confundir as figuras de narrador e autor; tratar de um eu que também é tema da narrativa. Grandes mestres da literatura brasileira criaram textos exemplares no gênero. Só para citar alguns: Graciliano Ramos, *Infância*; José Lins do Rego, *Doidinho*; Carlos Heitor Cony, *Quase memória*. Cony, semelhantemente, relata sua história com o pai, jornalista e já falecido.

Para saber mais:

GARCIA, A. L. M. e AMOROSO, M. B. "Orientações para o professor". In: *Olhe a língua*. vol. 7. São Paulo: FTD, 1999. MAINGUENEAU, D. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

INTERPRETANDO O TEXTO

UM PAI MUITO ESPECIAL

O pai do narrador possui um importante dom, como ele afirma: "Mas eu só conheci um homem que sabia ler as pessoas: meu pai" (p. 9).

São muitas as situações em que o pai demonstra a habilidade de ler faces e corações: quando percebe que o vizinho está com problemas; quando defende os ciganos por perceber que eles nada haviam roubado; quando prevê o assalto ao bar do seu Mário; quando interpreta a felicidade no rosto da balconista e o desejo do filho de comprar uma bola de capotão; ou ainda quando pressente que o Timão vai ganhar de virada, decifrando o que revelam as pernas dos jogadores. "As palavras estão na testa, nos olhos, nas mãos, no corpo inteiro das pessoas. [...] As letras estão penduradas na maneira de ser das pessoas" (p. 30-1), ele costumava dizer.

Mas o filho compreende que o pai também tem muito para dizer e, aos poucos, vai contando o que conseguiu ler sobre o pai durante o breve período em que os dois puderam conviver: coragem, lealdade, solidariedade, desapego pelo consumismo, alegria de viver. São esses os valores que ele queria transmitir ao filho e que ficaram guardados vividamente na memória do menino. A metáfora da linguagem como representação e registro permeia o relato inteiro.

O narrador apresenta um pai que todo menino gostaria de ter: que pula o muro para jogar futebol no campinho da escola; que faz uma bandeira do Timão com lençóis e vai com o filho ao estádio para inaugurá-la; que não castiga o filho por desenhar a professora sentada no penico; que faz xixi nas plantas para regar o jardim; que leva o garoto para olhar as vitrines das lojas e comer cachorro-quente, brigadeiro e batatas fritas; um pai companheiro, um amigo de muitas horas.

No caso deles, o tempo passado juntos é curto, pois o pai, motorista de ônibus, viaja constantemente para o Sul do país, ausentando-se por pelo menos quatro dias por semana. Justamente quando esse homem que lia as pessoas decide mudar de emprego para fazer viagens menores e estar mais próximo da família, ele sofre um trágico acidente naquela que seria sua última longa viagem.

* Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.

A RELAÇÃO ENTRE PAI E FILHO E O TEMA DA MORTE PARA AS CRIANÇAS

Os psicanalistas são unânimes em afirmar a importância da figura paterna para uma criança. Presença fundamental para a formação da personalidade e também para enriquecer o mundo do próprio filho ou filha. De acordo com Winnicott, pediatra e psicanalista inglês, “o trabalho que o pai realiza, sem falar de seus *hobbies* nas horas vagas, amplia os horizontes infantis do mundo”. Essa relação, em que o pai se distingue de outros homens para a criança por causa de suas qualidades positivas e da vivacidade de sua personalidade, liga-se diretamente ao que conta o narrador deste relato. Suas palavras deixam transparecer quanto sua rápida, porém intensa, convivência com o pai foi valiosa, pois permitiu descobri-lo e conhecê-lo.

Com certeza, foi devido ao forte vínculo com o pai que o narrador pôde reagir ao golpe da perda escrevendo sua história. Segundo Françoise Dolto, importante psicanalista francesa, a morte faz parte do destino de todo ser vivo. O que a torna diferente no caso dos homens é que estes têm uma história. Ainda de acordo com a psicanalista, a morte de quem se ama é também a perda de um lado da própria vida.

Essa ideia coaduna-se com a atitude do narrador do livro, pois ele mesmo afirma que contar a vida de uma pessoa é uma forma de trazê-la de volta e de nos trazermos para as pessoas. Por fim, Françoise Dolto ressalta a importância de falar da morte para as crianças e de não colocar um véu de silêncio sobre esse tema.

“A arte de perder não tarda a aprender” (Elizabeth Bishop, poeta inglesa).

“A LEITURA É CONQUISTADA COM A EXPERIÊNCIA”

Frank Smith

O contexto em que vive o narrador é propício para seu envolvimento com a leitura e com os livros. A fase em que vivencia tantas experiências com o pai é justamente a de alfabetização escolar, sobre a qual relata sucessos e dificuldades: “Um dia, quando voltei da aula, minha mãe quis ver meu caderno. Adorou minha letra redondinha e foi mostrá-la para meu pai” (p. 27) ou “Talvez porque não conhecesse ainda algumas palavras, li aos tropeços, gaguejando” (p. 28).

Além disso, a mãe trabalha na Biblioteca Municipal e é apresentada como leitora voraz de livros: “Tem gente que lê romances sem parar, igual à minha mãe [...]. Por onde ela anda em casa, vai deixando livros. Outro dia, achei um pendurado no varal” (p. 7).

O fato de o pai ser leitor de pessoas e ele leitor-aprendiz de palavras os aproxima mais ainda. A ideia de que **ler é decifrar e seguir pistas** materializa-se na vida desse menino nas muitas vezes em que o pai o ensina a ler um gesto, uma intenção, um olhar, um sorriso.

O menino-narrador aprende tão bem a lição que decide aplicá-la em seu relato: vai deixando pistas para serem seguidas pelo leitor atento. Para decifrá-las, é só prestar atenção às antecipações que ele faz como uma espécie de preparação para algo que será revelado ao final: a perda do pai, que constitui o motivo de ele escrever esta história.

Logo no início do capítulo B, o menino confessa: “Até porque contar a história do meu pai é um jeito que encontrei de estar com ele de novo” (p. 11); mais à frente, afirma: “Percebi que uma coisa tinha a ver com a outra, mas não entendia bem. Hoje acho que já entendo” (p. 36); e quando praticamente revela ao final: “No dia seguinte, meu pai partiu para a viagem derradeira a Santa Fé. E não só para lá. Foi a última viagem que ele fez na vida. A última” (p. 90).

O autor encontrou uma maneira, talvez definitiva, de convencer o leitor de que o pai do narrador realmente sabia ler as pessoas

Para saber mais:

DOLTO, F. *Como orientar seu filho*. vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

WINNICOTT, D. W. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DECIFRANDO E SEGUINDO PISTAS: LER E ESCREVER, UMA PRODUÇÃO DE SENTIDOS MEDIADA

Muitos são os estudos sobre leitura e escrita, tanto no campo educacional como no da linguística. Atualmente, sabe-se que ler e escrever são processos complexos de expressão e de compreensão, exigindo do aluno muito mais do que o conhecimento da língua.

Desenvolver essa aprendizagem requer que o professor se coloque mais como mediador e que compartilhe com o aluno diferentes vivências e responsabilidades, como preconizam, por exemplo, as teorias de Vygotsky e Feuerstein, psicólogo russo e educador romeno, respectivamente. Esses autores ressaltam a importância tanto da influência da dimensão social para criar ferramentas e para produzir significações além das necessidades imediatas da situação, como da interação, em que um mediador (pai, mãe, professor) se situa entre o indivíduo mediado (filho ou aluno) e os estímulos (objetos, problemas ou sinais).

Em *O homem que lia as pessoas*, o ambiente de leitura existente na casa do menino e o apoio dos pais e da professora levam o narrador a encontrar na leitura e na escrita grandes fontes de prazer e até mesmo uma forma de reconciliar-se com a vida depois que o pai morre. Parece que, atualmente, a demanda para que crianças e adolescentes, já alfabetizados, desenvolvam cada vez mais a competência escritora e leitora é gerada por pais e professores, que, como mediadores, os estimulam a encontrar na leitura e na escrita uma fonte de prazer e de lazer, atribuindo sentido a processos tão complexos de expressão e representação de mundo.

quando ele prevê, no início, que seu filho poderia escrever bem uma história: “Você tem jeito para a coisa, filho! Vai virar escritor!” (p. 27). Mais uma vez, leitura e escrita como expressão e produção de sentidos justificam o relato.

Assim, o narrador, agora no terceiro ano da escola, já dominando a leitura e a escrita, decide colocar no papel as lembranças de uma parte representativa de sua vida com o pai como uma forma de reencontrá-lo, de alegrar a mãe, de trazê-lo e de se trazer para o leitor.

O AUXÍLIO LUXUOSO DAS IMAGENS

A delicadeza da história recebe um auxílio precioso das ilustrações do artista plástico Nelson Cruz, que parece ter se inspirado na linguagem de cinema para retratar cenas, personagens e climas. Além do movimento – os personagens realmente parecem falar, rir, brigar, caminhar... –, há tomadas em ângulos diferentes, criando um jogo de perspectivas ascendente e descendente, exterior e interior, de cima para baixo e vice-versa; de planos abertos e fechados (*closes*); de recortes que apresentam o cenário ou contam a história sem palavras; de jogos de sombra e luz. É possível ler a história pela força criadora das imagens. Não era isso que fazia o homem que lia as pessoas?

As cores também desempenham papel importante. Há uma variação bastante demarcada entre cores frias e quentes, reveladora do sentimento paradoxal do narrador da história: é uma alegria triste ou uma tristeza alegre. Em alguns momentos predominam o azul e o verde. Em outros, o laranja e o amarelo.

Forma, traços e cores convidam o leitor a participar desta história, ampliando o prazer da leitura. Como afirma o filósofo alemão Walter Benjamin (*Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002): “Nesse mundo permeável, adornado de cores, em que a cada passo as coisas mudam de lugar, a criança é recebida como participante”.

Para saber mais:

BACH, P. *O prazer na escrita*. Edições Rio Tinto (Portugal): ASA, 1998.

GOMES, C. *Feuerstein e a construção mediada do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Propor que levantem hipóteses a partir do título. Sobre o que vai tratar este livro? Registrar as sugestões em uma folha no mural para poder checá-las durante a leitura.

Fazer também um paralelo com o título do livro *O homem que calculava*, de Malba Tahan, observando a estrutura das orações e o tempo verbal em que são compostas. Por que são semelhantes? Será proposital? Fazer um comentário sobre esse outro livro, se eles não conhecerem. Lançar a pergunta: haveria alguma intenção do autor ao dar um título para o livro muito parecido com outro já existente? Qual? Discutir com os alunos sobre a importância de títulos nos textos, principalmente para a compreensão da leitura.

Só então pedir que leiam o primeiro capítulo pensando nas hipóteses que levantaram. Voltar à discussão, para confirmar ou não as hipóteses anteriores, mantendo-as ou não no mural.

Outra proposta é pedir que folheiem o livro apenas contemplando os desenhos, observando as formas, os traços e as cores neles utilizados. Mesmo sem conhecer o tema do livro, pedir que criem um desenho ilustrando o título. Os desenhos devem ficar no mural da classe. Durante a leitura, ao conhecerem melhor a história e os personagens, os alunos podem modificá-los, caso considerem necessário.

DURANTE A LEITURA

Propor a leitura compartilhada, em que o professor sugere tarefas e observações. Assim é possível ampliar o repertório dos alunos, revelando-lhes algumas estratégias de leitura.

Como o narrador antecipa informações e deixa pistas para o leitor, uma boa ideia é pedir que os alunos encontrem essas pistas e procurem decifrá-las, para ir construindo sentidos para o texto. Algumas sugestões: quais as pistas reveladoras de que a morte do pai é anterior ao momento em que ele escreve a história? (observar tempos verbais e as palavras “agora”, “hoje”). Como podemos descobrir o tempo decorrido entre a morte do pai e a escrita da história? É possível fazer uma hipótese, baseada no texto, sobre em que lugar mora o narrador, procurando as referências que ele faz a cidades, distâncias e tempo de duração das viagens de seu pai?

Dica

Como o tema da morte será necessariamente abordado, é interessante que o professor procure saber se há no grupo crianças que perderam alguém próximo. Para introduzir o assunto, caso queira abordá-lo antes da leitura da história, pode ser uma boa ideia apresentar pequenos textos, poemas ou mesmo filmes.

SUGESTÕES DE LEITURA

MELLONIE, Bryan e INGPEN, Robert. *Tempos de vida – uma bela maneira de explicar a vida e a morte às crianças*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Global, 2000.

MINGAU, Muriel. *No oco da avelã*. Tradução de Chantal Castelli. São Paulo: SM, 2013.



Mostrar aos alunos que as antecipações na história incentivam a curiosidade do leitor, motivando-o. Ressaltar também que muitas informações não são dadas para que possamos fazer inferências: é como se fôssemos preenchendo lacunas deixadas propositalmente pelo autor. Ler é construir o texto também.

Ao ler, tentamos ainda deduzir as razões do autor. Neste livro, por exemplo, os personagens principais não são identificados pelos nomes próprios: qual seria a intenção dessa estratégia do autor; qual sentido podemos dar a ela e qual o efeito de sentido que ela produz? Observar que, com palavras, ele cria um jogo de luz e sombra, escondendo e revelando, como as ilustrações do livro.

DEPOIS DA LEITURA

Ao final do livro, retomar o propósito que o menino teve para escrevê-lo. Perguntar aos alunos se o garoto conseguiu seu intento, e pedir que justifiquem sua opinião.

Perguntar também se quando escrevem eles têm claro o objetivo de produzir tal texto. Em que situações isso acontece? Facilita ou não escrever tendo clareza do motivo?

O livro deixa claro que uma das funções da escrita é conservar saberes e recordações, mantendo vivos momentos e sentimentos – uma função, sem dúvida, da literatura. Que outras funções podemos atribuir à escrita?

Como proposta de unir leitura e escrita, como no livro, pedir que escrevam um texto autobiográfico. Relembrar as características desse gênero (ver box no item *Mergulhando na temática*, p. 2), e pedir que escolham um momento marcante de sua vida e situem alguns fatos que vieram antes e depois desse acontecimento. Exemplos: a entrada na escola; mudança de escola, de cidade, de casa; nascimento de um irmão ou irmã; e, se for o caso, a morte ou perda de alguém ou de um animal de estimação. Lembrá-los de fazer uma introdução e um fechamento para o texto.

Como diria o narrador do livro: “Descobrimos muitas coisas escrevendo uma história” (p. 19). E, acrescentaríamos, lendo também.

ELABORAÇÃO DO GUIA Silvia Albert (professora de português do Ensino Fundamental 2 do Colégio Oswald de Andrade-Caravelas e mestrandia do Programa de Língua Portuguesa da PUC-SP na área de Leitura, Escrita e Ensino de Língua Portuguesa); PREPARAÇÃO Gislane Maria da Silva; REVISÃO Flávia Romancini Rossi e Marcia Menin

